

Antônio Conselheiro

Drama em 10 quadros e 2 atos

Antônio Conselheiro

Personagens

PRIMEIRO ATO

PRIMEIRO QUADRO

O Conselheiro preso na Bahia

SEGUNDO QUADRO

O Conselheiro em Canudos

TERCEIRO QUADRO

O Conselheiro constrói uma igreja

QUARTO QUADRO

Aproxima-se a 3.^a Expedição

QUINTO QUADRO

Derrota da 3.^a Expedição

SEGUNDO ATO

PRIMEIRO QUADRO

Uma noite no Alto da Favela

SEGUNDO QUADRO

Destruição de Canudos

TERCEIRO QUADRO

O açude de Canudos

QUARTO QUADRO

O museu de cabeças

QUINTO QUADRO

A Feira

Personagens

Conselheiro

Homens

Soldados

Mulheres

Juízes A, B e C

Carregador

Vozes

João Abade

José Félix

Pajeú

Manuel Quadrado

Lalau

Ajudante-de-ordem

Oficiais

Coronel Moreira César

Soldado Antônio

Soldado Francisco

General Artur Oscar

Coronel Tamarindo

Prefeito

Fazendeiro

Repórter

Engenheiro

Vigário

Jornalista

Alto-falante

Maria e João (*casal de namorados*)

Passantes

Feirantes

Fregueses

Enfermeiras

Napoleão

Hitler

PRIMEIRO ATO

PRIMEIRO QUADRO

O Conselheiro preso na Bahia

Uma praça em Salvador da Bahia, movimento de rua como era no fim do século passado; velhas fachadas de antigos sobradões. Num determinado momento, homens e mulheres de um grupo que passa olham, surpresos, numa direção fora de cena, à esquerda, espantados, resmungam qualquer coisa; esconjuros de mulheres que olham, medrosas, e fogem em direção contrária; pelo lado esquerdo entra Antônio Conselheiro, vestido na sua batina de azulão, e ladeado por dois soldados; preso, em Itapicuru, tinha sido remetido para a capital do Estado, onde seria processado por crime de morte; seu rosto lívido, cadavérico, seus olhos fundos, seus cabelos compridos, e longas barbas faziam parar os homens, e dar gritos nervosos às mulheres; vem algemado, ou melhor, tem as mãos amarradas por trás das costas, por uma corda, cujas pontas seguram, de cada lado, os soldados.

Um homem (para os soldados)

Está preso? Ou é algum doido?

Um dos soldados

É o Antônio Conselheiro
Feroz criminoso, pois acaba
De matar a mulher,
Acaba de matar a própria mãe.

Uma mulher

Virgem Maria! E com este ar de santo!
Este olhar de frade e de profeta;
Com essa batina de penitente e de eremita!
Que vá para o inferno! Peste!

Um homem

Este homem deve ter chorado,
Deve ter deixado cair
Quase todas as suas lágrimas;
Nele, tudo é agora erosão e aridez;
O seu rosto de lágrimas lavado
Se desbotou, se desvelou;
Através dos seus olhos profundos e secos,
Pode-se ver a sua face interior;
A face que cada um de nós
Tem guardada e consentida.
Alguém ouve suas palavras não pronunciadas.
Alguém ouve a sua voz não permitida... alguém...

Antônio Conselheiro com os dois soldados dirigem-se para o portão de uma casa, na praça, e penetram numa sala; é um tribunal de justiça; na mesa central estão três juizes: A, B e C; de um lado e do outro, dois escrivães da justiça.

Juiz A Como se chama?

Conselheiro

Antônio Vicente.

Juiz A Antônio Vicente de quê?

Conselheiro

Antônio Vicente Mendes Maciel.

Juiz A Sabe de que é acusado?

Conselheiro

Não. Não sei. Não sei ainda.

Juiz A É acusado de crime de morte
Nas pessoas de sua própria mãe,
E da sua esposa.

Conselheiro

Não. Não sabia... crime de morte?
(meio alheado)
Eles acusam... acusam de crime
A quem sempre viveu na redenção dos seus pecados:
Os pecados do seu próprio viver...
Acusam sempre a quem pretende fazer bem às almas.
O crime de que me acusam é hediondo,
Mas não é mais hediondo do que
O meu próprio e verdadeiro crime.

Juiz B Eles, quem?

Conselheiro

Eles, os demônios...
Os demônios que ouço gritar nas noites intermináveis,
Nos caminhos perdidos só conhecidos das estrelas
Nas estradas poentas, nas encruzilhadas de assalto;

Os demônios que aqui estão presentes diante de mim.
(Olha por cima das cabeças dos juízes)

Juiz B Deixemos os demônios e responda-nos, confesse
Se realmente cometeu o crime
De que é acusado.

Conselheiro *(erguendo ainda mais a cabeça)*
Acusam-me do que eu não fiz.
Do que é inverídico, do que é impossível,
Quando o meu crime real está em mim mesmo,
E é por ele que caminho nos desertos
Em constante peregrinação.

Juiz C *(compulsando um dossier)*
Foi em Itapicaru ou Quixeramobim
Que cometeu o delito?

Conselheiro
O meu delito não tem lugar
Não tem espaço geográfico;
O meu crime guardo comigo, em mim,
Está onde eu estiver.
É por causa dele que Deus me consagrou
Nessa missão sobre a terra
Vim para redimir o país.

Juiz B Foi em Ipu que se deu o crime
De onde desapareceu de repente.
Foi em Ipu.

Conselheiro

Ipu! Quixeramobim! Estão reunidos
No mesmo cinto da minha angústia;
Pois, duas vezes nasci;
Como estão cosidos com a linha do meu sofrimento
Todos os lugares por onde andei,
E tecidos por meus pés todos os caminhos.

Juiz A A história do seu crime nos vem
Relatada da cidade de Ipu,
Onde viveu algum tempo, não é verdade?

Conselheiro

Vivi e revivi muitas vezes...
E por que para aqui me trouxeram?
O destino há de se cumprir:
Hei de renascer, hei de voltar mais de uma vez
Aos lugares onde estão os que me esperam.
E esta volta é revolta contra os demônios;
Todos haverão de ver e saber.

Juiz A *(olhando para o dossier que tem sob o braço)*

Aqui está escrito como se deu o crime
Preste a atenção: vou ler.

(lê)

“Sabido é neste lugar que a mãe
De Antônio Conselheiro,
Detestava a sua nora;
Assim, por um ato de maldade,
Insinuou junto ao pobre homem

Que ele era traído pela mulher;
Aconselhou-o, então, que fingisse uma viagem
E de repente voltasse noite alta;
Iria surpreendê-la em adultério.
Antônio Maciel assim o fez:
Disse à mulher que partia
Para uma longa viagem,
E, por vielas incertas e noturnas,
Volveu; postando-se a pequena distância
Do seu quintal, esperou:
Pouco tempo depois viu um vulto escuro
Subir e penetrar pela janela
Do seu quarto de dormir; rapidamente,
Com um tiro, prostrou o visitante estranho,
E logo depois a própria esposa;
Revendo porém o vulto
Que deixará caído na janela
Verificou que era a sua mãe”.
– Antônio Maciel, que diz a isto?
É verdade esta história?

Conselheiro

Esta verdade pode ser e não ser
Se preciso for há de valer
Como a vingança do inferno
Sobre o meu destino,
Sobre a minha missão neste mundo;
Como a ameaça dos seres impróprios
À validade da vida eterna;

Eles me invadem, eles me perseguem...
Eles me limitam... sei bem... eles...

Juiz B *(Sorrindo)*

Eles, os demônios...

Conselheiro

Sim, os que querem impedir
O que vai, o que deve acontecer;
Os mortos, os paralisados
Na sombra do inferno, e que negam
E gritam, e sofrem, e clamam...
Sob o peso e o pesadelo da eterna
Condenação: os demônios...

(Olha por cima das cabeças dos juízes)

Ouve-se um som de campainha; os soldados afastam o Conselheiro para um lado da sala, onde ficam voltados para a parede; os juízes deliberam entre si, em voz baixa; passados alguns instantes soa novamente a campainha, os soldados voltam a apresentar o Conselheiro aos juízes.

Juiz A Antônio Vicente Mendes Maciel

Deliberamos que o seu caso
Deverá ser resolvido em sua terra natal;
No Ceará, para onde deve viajar
Imediatamente; no júri de sua terra
Responderá pelo seu crime.

Erguem-se os três juízes e os escrivães, e, um a um, em fila, se retiram do recinto; imediatamente a mesa onde estavam os juízes desaparece e a parede, por trás da mesa, se abre; além,

descortina-se um cais e nele, atracado, um navio; deste, vêem-se apenas, a prancha de acesso a bordo, uma parte do convés e de um mastro; Antônio Conselheiro, acompanhado de dois soldados, caminha na direção da prancha de acesso:

Um carregador *(conduzindo malas para o navio e olhando o preso)*

Parece que já vi este homem
Em algum lugar; esses cabelos,
Essas barbas passaram por outros rostos,
São conhecidas de há muitos anos.

Uma mulher *(se aproximando da prancha, pois vai viajar)*

Vai viajar também o miserável?
E com ele os dois soldados?
E com ele os dois cadáveres?

Um dos soldados

Vai; a sua carreira de crimes
Terminará longe daqui;
Volta agora para o local
Da sua desgraça, da sua maldade;
Na prisão ficará para o resto da vida.

A mulher

Vai para perto dos túmulos que abriu,
Das duas covas que a sua mão
Cavou, formou no chão de sua terra.

Um homem

Este homem tem nos pés cansados
A mágoa dos amargos caminhos.
– Nos seus pés, que estão
A muitas léguas
A muitas léguas do seu coração –
Mas a náusea das regiões desertas,
A fome dos esforços inúteis,
Sobem, ascendem a todo instante,
Dos seus pés ao seu coração;
Desceu sobre ele, entretanto, uma paz:
Aquele que é só e necessária,
Aquele que é só e derradeira:
A paz que nos vem quando rezamos.

Ouve-se o apito do navio anunciando a partida; Antônio Conselheiro e dois soldados penetram no navio; vai sendo retirada a prancha de acesso a bordo, a luz aos poucos se extingue; escurece; no escuro há um rumor de água batendo na pedra do cais.

SEGUNDO QUADRO

O Conselheiro em Canudos

A cena representa um trecho de paisagem sertaneja como era ou deve ser ainda na região de Canudos; árvores secas, pedras, cactos de várias espécies; pela direita entra uma procissão de mulheres que entoam um canto (ver págs. 69 e 70); uma delas traz erguido no ar um oratório, onde estão vários santos e um crucifixo; nos galhos de uma árvore pousam o

oratório a uma certa altura do chão, e vão se retirar, quando, pela esquerda, de costas, entra o Conselheiro, vestido na sua batina azul, trazendo numa das mãos um rosário, e na outra um cajado; à medida que as mulheres saem de cena, pelo lado direito, caminhando até o oratório, o Conselheiro deixa-se tomar de puro êxtase religioso; diante do oratório faz meia volta e se ajoelha, depondo no chão o cajado.

Com os olhos erguidos para os santos e o crucifixo, fica em atitude de quem está inteiramente absorvido pela oração; ouve-se uma voz.

Primeira voz

Antônio, passou o tempo dos profetas,
Dos visionários, dos eremitas
Retirados nos desertos, dos sacerdotes
E místicos propagadores espontâneos
Da fé e da palavra de Deus;
Nos dias de hoje, a profissão de evangelista
Somente pode ser exercida
Pelos que são formados em Teologia,
Sabemos bem o grego e o latim;
Só eles poderão ouvir e compreender
A palavra de Deus.

Conselheiro

Não existem sinais, nem letras
Com que se possa escrever a sua palavra,
Mas há uma pedra em que é possível gravar
A sua bondade e a sua sabedoria:
Essa pedra é o coração dos homens.

Primeira voz

No princípio, Antônio, o espírito de Deus
Pairava sobre as águas,
Pois a vida humana veio das águas
Onde Deus estava.

Conselheiro

Aqui nesta terra dura e árida
A vida não surgiu das águas
Mas o espírito de Deus sempre
Toca de sol e de luz as samambaias
Das caatingas. O espírito do meu, do nosso Deus.

Primeira voz

Deus é um só, e está no conhecimento
Dos homens sábios, entronizados
Nos altares das igrejas e catedrais,
Nos relicários feitos de ouro dos santos e dos mártires;
E desce, em forma de Espírito Santo,
Nas consciências privilegiadas
Dos reis, dos chefes de Estado,
Dos bispos e dos cardeais.

Conselheiro

O nosso Deus é pobre
Porque é o Deus dos pobres.
O nosso Deus é triste
Porque é o Deus desta terra triste e seca.
As minhas vestes são de algodão
Não são de púrpura;

O altar da minha igreja
Não está revestido de ouro.

Primeira voz

Não é com pirão de farinha ou de milho
Que se deve praticar a Eucaristia,
É preciso o trigo: alvo, imaculado,
O pão de trigo candial.
E o batismo? É impura a água
Com que batizas os filhos deste povo.

Conselheiro

Tem razão. Nesta terra abandonada,
Onde vive boa parte de uma nação,
Não se bebe vinho
Nem se come pão.
A água com que batizo os pequeninos
Não é lustral, nem limpa, nem benta:
É a água do Vaza-barris:
Água barrenta.

(pausa – o Conselheiro concentra-se nas suas orações)

Conselheiro *(voltando a falar)*

Não se bebe vinho
Nem se come pão!
Mas o sangue e o Corpo de Deus
São recebidos, mesmo na escassez do que bebemos,
Na pobreza da nossa alimentação.

Para um silêncio, ouve-se, distante, o canto das mulheres.

O Conselheiro continua a rezar com fervor; de repente é ouvida outra voz.

Segunda voz

O que é muito alvo é vazio:
A altura do ar... aqui.
O que é muito puro está ausente:
Não é alvo o sangue...
Aqueles que o têm muito branco
É porque estão doentes;
– Pura é a mulher que é virgem
E como a terra estéril não dá frutos.

Conselheiro (*agita-se, faz um gesto de repulsa e de esconjuro*)

Esta voz agora me vem
Como uma ameaça, uma blasfêmia,
É voz conhecida e tenebrosa.

Segunda voz

Vazio como o ar ficará Canudos,
Branco como as suas nuvens sempre brancas.
Puro como seu impassível céu azul,
Pois Canudos será destruída.
Não como Sodoma, nem Babilônia,
Que o foram pelo fogo divino,
Mas pelo fogo dos homens, pelo fogo
Das armas por eles inventadas.

Conselheiro

Nos tempos antigos a arma da justiça,

A arma da defesa tinha a forma de uma cruz;
Agora tem a forma de animais,
De seres repelentes, de monstros
Horríveis e desconhecidos,
De dragões, de bestas apocalípticas.

Segunda voz

À imagem deles, homens indignos
Que um dia se confundirão com elas;
Um dia sofrerão para sempre a injúria,
A doença das suas ações e idéias,
Fora deles mesmos reproduzidas;
Pela ferrugem das suas máquinas
Um dia serão também
Contaminados e consumidos...

Conselheiro

As suas armas infíéis,
Símbolos do seu delírio, da hipocrisia,
Da ignomínia e da impostura;
Sei bem que Canudos será destruída;
Disso recebi aviso do Céu,
Destruída pelos filhos da ambição, da maldade;
Da injustiça. Sei bem...

Segunda voz

Destruída pelos homens, corrompidos
Pela ferrugem deles mesmos:
Ferrugens; inércia do seu próprio uso,
Que na ferrugem do tempo acabarão.

Ouve-se a voz mais forte e mais próxima das mulheres que cantam.

As mulheres *(cantando)*

Aonde, aonde, a onda, ainda anda ainda anda
 Além, além, ao longe o lento enlevo (enlevo da lua)
 o lento enlevo
 Nuvens, névoas, naves, navios
 (nuvens, navios)
 Amém, amém, amante amor, amor Amém, amém.

Com o coro das vozes femininas, cada vez mais alto, as mulheres entram, caminhando de costas, pelo lado direito; dirigem-se para o oratório, aonde ainda está ajoelhado o Conselheiro, que apanha o seu cajado, se levanta e volta para o lado esquerdo de onde viera; com a sua saída as mulheres chegam ainda de costas ao pé do oratório, para o qual todas se voltam, e diante dele se ajoelham; depois, duas delas, se erguendo, tiram-no da árvore; agora todas se erguem e cantam, em coro, enquanto saem pela direita, de frente.

As mulheres *(cantando)*

Voltou! Voltou! Em vôo! Em voz!
 Voltou! Voltou! Livre e leve
 Livre da mancha e da mentira
 Livre da cruz do crime. Voltou!
 Livre por Deus, Nosso Senhor
 Livre, leve da fama infame.
 Nuvem! Névoa! Niveo Navio
 De Jesus Navegador.
 Voltou! Voltou! Em voz, em vôo!

No vôo das velas, das redes
Da pesca milagrosa
de Jesus, o pescador
Nívea nuvem de lã
Nuvem de lã das ovelhas
Do bom Jesus, nosso Pastor.

As mulheres retiram-se extremamente devagar; e as duas que mantêm ao alto o oratório são as últimas a desaparecerem. A cena fica vazia.

Terceira voz

Nesta terra deve ter havido um mar,
Um mar profundo, um mar que se abriu,
Se retirou; por onde passa um povo fugindo
Um povo perseguido e maltratado;
Esta terra é o chão de mar aberto,
Onde um povo se acolhe, e se recolhe
Para receber o seu profeta:
Vida de sua vida, alta voz de antigo drama...
Gesto de defesa da vida em pânico.

Ao acabar o som da voz, na cena vazia, surge por detrás de um rochedo a figura de um jagunço, avança para umas pedras colocadas ao lado; traz na mão um clavinote e na cintura um punhal; retira o punhal, examina-o, e coloca-o novamente no cinto; depois faz o sinal da cruz, ajoelha-se e logo se deita de bruços, introduzindo nos interstícios das pedras o clavinote; conserva-se imóvel esperando.

TERCEIRO QUADRO

O Conselheiro constrói uma igreja

Este quadro é constituído de duas cenas separadas por um septo no centro; do lado esquerdo estão cinco mulheres à beira de um poço ou pequeno açude, e conversam lavando roupa; do lado direito há uma igreja em construção (a igreja nova); as paredes estão erguidas até a cobertura; vêem-se o cunhal e uma parte da porta da igreja; ao pé dessa igreja, em trabalhos de carpintaria e cantaria, quatro homens; sobre os andaimes, dois outros (personagens mudos) trabalham em serviços de acabamento, no alto; uma tábuia da parte mais alta do andaime; dele sai, e se apóia numa pedra ao fundo de cena, que é constituída de um terreno ondulado, deixando pressentir, por trás das ondulações, um caminho cavado, meio encoberto, e que se perde para um dos lados.

Primeira mulher

Até que enfim chegaram as chuvas de janeiro:
Ontem à noite choveu muito, e encheram
Todos os poços e açudes.

Terceira mulher

Mas a última chuva foi violenta.
O vento forte sacudiu as árvores
De uma maneira doida, esquisita,
Num grande barulho de vôos assustados.

Primeira mulher

De bom não houve apenas a vinda da chuva:

Os nossos homens mais uma vez
Venceram os nossos inimigos.

Primeiro homem

Os assassinos que nos atacaram
Fugiram afinal, recuaram derrotados.

Quarto homem

Podemos agora continuar
A construção de Igreja Nova.

Quarta mulher

A chuva foi violenta,
Vencemos os nosso inimigos, mas...
Não sei... tenho um pressentimento;
Hoje pela manhã, ao fazer a comida,
Quando pus a panela sobre a lenha que queimava,
O fogo estalou três vezes seguidas;
Há qualquer coisa ruim no ar...

Terceira mulher *(sorrindo)*

A lenha daqui sempre estala no fogo,
Geme, como se sofresse; o vento... ora, o vento...
Nessas chuvas pesadas, de grandes cordas d'água
Que caem e escorrem por essas ladeiras
Há sempre rumores, ameaças e lamentos.

Segunda mulher *(de um modo vago)*

Antes de nascer a estrela

É verde o girassol!
Sua coroa amarela nasce depois...

Primeiro homem

Ao abrir ontem a igreja velha,
A antiga porta rangeu,
E foi, como se com voz falasse,
Como se com voz se lamentasse.

Segundo homem

Tolices, deixemos para lá a igreja velha
E vamos prosseguir na construção da nova.

Terceiro homem

Acho que agora ficaremos tranqüilos
(pensativo)
Não sei por que nos atacam...
Sempre deixaram abandonadas essas terras
E agora nos querem expulsar.
Que culpa temos de usar uma terra
Que o próprio dono largou aí, e...
Ninguém mais também quis?

Primeiro homem

Os antigos donos morreram,
Os proprietários da Fazenda Velha
Estão há muitos anos enterrados
No cemitério de lá de baixo...

Segunda mulher

Antes de nascer a estrela
É verde o girassol!
O tempo é verde, parado.

Primeira mulher

Quando o amarelo aparece
É que o tempo caminha:
O tempo gira em torno do sol.

Terceira mulher

O tempo gira e as espigas se enchem
De grãos amarelos...
Mas, antes, é preciso o tempo – verde.

Primeiro homem

Com a nossa igreja nova,
Com os milagres de Antônio Conselheiro,
O sol e a chuva ficarão unidos
Para fecundar as nossas terras:
Tudo que é seco ficará verde,
Tudo que é verde ficará maduro.

Quarto homem

Os milagres! Ontem houve o maior
De todos!

Terceira mulher

O Bom Jesus
Mais uma vez, por intermédio

Do Conselheiro, nos salvou.
Ontem houve mais um milagre.

Segundo homem

Ontem eu vi: ele apareceu de repente
Sobre aquela tábua, (*indica a tábua*)
E caminhou sobre ela como se andasse
Solto no ar. Caminhou olhando
Para longe, para onde os “macacos”
Insistiam com mais violência,
Usando as suas armas de destruição;
Caminhou solto sobre a tábua,
Com as mãos erguidas e estendidas
Como para aplacar uma tempestade;
E desapareceu por detrás daquela pedra
(*indica*)

.....
Logo correu a notícia
O inimigo se retirava... fugia...

Terceira mulher

Andou solto no ar,
Nada o sustinha, e, ele, no ar
Fez, com o braço, um gesto
De condenação. Um gesto
Esconjurando o inimigo que se aproximava
E logo a notícia correu:
Estávamos salvos!

Segunda mulher

Antes do encarnado e do amarelo:
– Cores do que é maduro –
É preciso o verde
Primeiro, é verde o milho, verde a fruta.
E verde é o nascimento.

Segundo homem

O Bom Jesus mais uma vez
Nos visitou com o Conselheir.

Ouve-se um ligeiro som de sino; no alto do muro da igreja, já erguido até o ponto de receber a cobertura, aparece, subindo pelo lado de dentro, com os seus cabelos e barbas longas, o Conselheiro; ergue-se sobre o muro, e caminha decidido, resoluto, sobre a tábuca, com as mãos estendidas na direção do local onde tinha cessado a luta; depois benze-se e desaparece por trás da pedra; os homens e mulheres olham surpresos, e logo prosternam-se, ajoelham-se, benzem-se também, baixando as cabeças até o chão; vão-se depois erguendo-se aos poucos.

Primeiro homem

Deus do Céu! Novamente!?
Ei-lo que repete o milagre!

Primeira mulher

O Bom Jesus! O Bom Jesus!
Mais uma vez conosco!

Terceira mulher

O seu andar é como o de Jesus...
Passeando sobre o mar!

Quarta mulher

Há nele um anseio, um desejo
De partir, de seguir para longe,
Para o reino de Deus, no céu.

Segunda mulher

Há uma lonjura, uma longidão...
Às vezes tenho também vontade de ir para o longe...
Lá no Longetudo, no longelento
Onde deve nascer a estrela.

Terceiro homem

Dentro de três meses deve estar pronta
A Igreja Nova; muita gente virá,
Muita gente de longe, como nós, peregrinos,
Como nós retirantes, fugindo da injustiça
Implacável dos homens, retirantes!
Somos um mar de gente que se retira
Um povo que se retrai, que se retrai...
Somos uma nação, um país morrendo,
Um povo morrendo e matando para poder viver.

Segundo homem

Dentro de três meses...

Segunda mulher

Antes de nascer a estrela
O céu está verde.
Antes de nascer é verde o sol.
Quando aparece já está maduro
Maduro, amarelo, ardente, queimando.
E no alto se torna um seco girassol,
Em vez do “verde” é o “milagre”.

Quarto homem

Creio que agora teremos paz
Por muito tempo; cultivaremos a terra
Abriremos novos poços e açudes.

Primeiro homem

Construída a Igreja Nova
Firmes ficaremos nesta terra de nossa escolha,
E nosso Conselheiro nos conduzirá
Entre os tropeços deste mundo.

*Ouve-se o som de uma ladainha que se vem aproximando;
todos emudecem, escutando.*

Primeira mulher

São os nossos mortos agora recolhidos
Que vêm, em procissão. Os nossos mortos.
Ouve-se mais perto o canto da ladainha:

Canto

Louvado seja o Nosso Senhor

Louvido seja Cristo-Jesus:
Triste e pesado é o nosso andor.

Resposta

Que para sempre seja louvado
O que sofreu, morreu na cruz
Seja louvado tão Bom Senhor.

Aparece na curva do caminho cavado, ao fundo, a procissão dos jiraus; os pálios feitos de faxinas, suspensos pelos braços dos jagunços, aparecem do lado direito do caminho cavado que há ali; dos homens que conduzem os jiraus onde estão estendidos os mortos da guerra somente são vistos os braços; dentro desses jiraus, os mortos estão em diversas posturas; a procissão passa lentamente, as vozes crescem, e à medida que passam vão aos poucos se extinguindo; reina silêncio.

Segunda mulher

Irei para longe
Para essa lonjura tão clara, tão lenta,
Para o longe onde deve nascer a estrela:
A estrela verde.

QUARTO QUADRO

Aproxima-se a 3ª Expedição

A cena representa a latada diante da Igreja Nova; vê-se à esquerda uma parte da fachada da igreja, e nela a porta principal de entrada; é noite, e o momento exato em que o Conselheiro terminou a sua pregação; alguns homens e mulheres

(vestidos de azul) ainda vão, vagarosamente, se retirando, e quanto ao Conselheiro, já se recolheu à igreja; depois de curto espaço de tempo, e algumas badaladas de sino, a cena fica vazia; logo após aparece, pela direita, João Abade; chega um pouco nervoso e agitado e se encaminha para a porta da igreja onde bate; depois de certa demora a porta se abre e aparece a figura de José Félix; a cena é iluminada pelo clarão de algumas fogueiras que vão aos poucos morrendo; as fogueiras que foram acesas durante a pregação.

João Abade

O Conselheiro? Venho para falar
Com o Conselheiro.

José Félix

Não é possível
Agora; depois da pregação
Se recolheu, e está rezando.

João Abade

Diga-lhe que trago uma notícia
Muito importante... muito importante...

José Félix

Pode entrar, e esperar um pouco.
João Abade entra, a cena fica novamente, por um momento, vazia: aparece, vindo do fundo de cena, Pajeú.

Pajeú (para si)

Os “macacos” vão novamente investir.

Ví os seus movimentos em Monte Santo;
A “macacada” está pronta
Para novo assalto;
Eu os vi passar na estrada de Massacará.
Entra Lalau (ajudante de Pajeú)

Lalau

E o comandante é um tal
De Moreira César; homem de muita feitura.
De muita audácia e combate.
Entra Manuel Quadrado (o curandeiro)

Manuel Quadrado

Homem de muita desgraça.
*Entra um jagunço, acocora-se a um canto, sobre os
calcanhares, bate o isqueiro, acende o cachimbo de longo
canudo, fuma.*

Lalau Homem de muita traição!

Pajeú Desta vez, como das outras,
Não passarão dali
(faz um sinal com o beijo)
da estrada do Cambaio;
Dali, do Alto da Favela.
Mas vão ver novamente
Que é a terra toda que os repele,
Que a terra, o chão, a seca
É que os vencem e os reduzem a frangalhos;
Só vencerão quando destruírem a terra.

Quando fizerem vir até aqui
O mar salgado, e a terra toda se tornar
Um campo de sal; então eles serão
Os vencedores, eles os donos
De tudo, até das coisas inúteis,
Das coisas largadas no abandono;
Querem vencer para restabelecer
O “sem uso”, e o desperdício;
Heróis da ruína, da miséria e da fome
.....
Donos, donos, donos dos sobejos da morte
Donos da carne e da carniça.
João Abade sai da igreja.

João Abade (*olhando para o fundo da cena*)

Por baixo desses telhados
Há um povo ameaçado,
Um povo perseguido nos seus desejos
Na sua fome e cuidado:
Desses telhados feitos de chão,
Feitos de barro e lama, feitos de passos e caminhadas,
Feitos de marchas cansadas;
Feitos, pisados, em estiradas léguas.
Nesses casebres cobertos de sol.
– De terra seca de sol –
Nesses casebres cobertos de chuvas,
De chuvas depressa e passageiras,
Há um povo ameaçado,
Corrido, maltratado;
Mas, ao avanço do inimigo

Todas as portas se cerrarão,
Todos os caminhos deterão a sua passagem,
Como muralhas, como trincheiras.

Pajeú Através dessas grotas
Se escoam os perigos;
Os nossos limites se estendem,
Se encurtam e se alongam,
Como um fole. Canudos
É uma grande rede de taipas,
Que descerá sobre os invasores;
Os telhados cairão sobre eles,
Como uma rede de túmulos abertos.
Ficarão sepultados sob este chão
Que aí está armado no ar.

Lalau Sepultados? Ficarão secos
Como a terra, pois a terra aqui
Não tem força para sepultar os mortos.

Manuel Quadrado (*curandeiro*)

Os espinhos das macambiras,
Das coroas de frade, dos mandacarus,
Os espinheiros das caatingas
Estão envenenados, envenenadas
Estão as águas das cacimbas.

Pajeú Do miolo da terra, do miolo
Das pedras e das árvores,

Dos socavões e dos mutans,
Abertos estão muitos olhos,

Em mira, olhos como balas;
É como se a terra toda visse;
A terra toda chovesse,
Em muitas direções.

Manuel Quadrado

No alto do morro três pedras estão:
A primeira é um poço profundo
A segunda é um grito selvagem,
E a terceira? A terceira é uma nuvem.
Os soldados que avançarem
Ficarão perdidos entre essas pedras.

João Abade

Canudos é um mundéu, uma arapuca
Aqui montada para apanhá-los;
Ligados, presos; no mesmo instante
Participarão da nossa condição.

João Abade silencia, e escuta por um momento, olhando ansioso na direção da porta da igreja, como à espera; por fim, decide-se, e bate novamente à porta do templo, fala de novo com José Félix, e entra. Paira um certo silêncio, somente interrompido pelo crepitar do fogo das fogueiras que estão se extinguindo; enfim abre-se a porta, e o Conselheiro aparece acompanhado de João Abade e José Félix; saem da igreja; todos os presentes, ao mesmo tempo, se ajoelham, no lugar e na posição em que

estão, de costas, ou de lado; somente o homem que está fumando, fica sentado, bate novamente o isqueiro, reacende o cachimbo meio apagado, e tira algumas baforadas.

João Abade

Conselheiro, as notícias que correm
São de que os “macacos” estão de novo
Para nos atacar, os meus espias
Avançados até Monte Santo
Acabam de ver a sua marcha
Contra o nosso Arraial.

Conselheiro

É mais uma provocação, uma dor
Para a nossa gente,
Uma outra dor presente;
As outras passaram, estão esquecidas;
Quando sofremos uma dor
Sempre guardamos a lembrança das suas causas,
Sempre e somente das suas causas,
Porque de dor mesmo nunca temos memória;
Devemos resistir como se nada houvesse
Como se nada tivesse havido;
É uma nova luta, uma nova dor,
Entre as muitas das quais
Devemos ter o alívio
Nas regiões do mundo da salvação,
Entre as muitas que deveremos
Ainda sofrer antes de chegarmos...

Pajéu, Abade, Lalau, Félix, Quadrado *(em uníssono)*

Antes de chegarmos ao reino do céu!

Conselheiro

Antes de chegarmos ao reino do céu!

Este país será invadido por uma legião de ratos

Depois os ratos começarão a correr.

E é a peste... Um dia este país

Será assolado por uma grande peste.

Antônio Conselheiro dirige-se para o lado e desaparece no oitão da igreja, acompanhado de José Félix; as fogueiras crepitam quase se apagando (algumas já estão extintas); ouve-se então um tiro de canhão, todos olham entre si, apavorados; apenas o homem sentado, tranqüilamente continua a fumar a seu cachimbo.

Pajéu Aqui estão eles! É a voz

Da “matadeira”, esses monstros

De garganta de fogo,

Esta voz do inferno.

Logo se ouve tiro de canhão, que reboa na noite já quase completa, pois as fogueiras estão quase extintas; Pajéu, Abade e os outros saem correndo; fica em cena apenas o homem sentado, que bate novamente o isqueiro, e torna a acender o seu cachimbo, do qual tira longas e sucessivas baforadas; agora, com as fogueiras extintas, só a brasa do seu cachimbo se vê; passam alguns segundos; o homem enfim se levanta e vai também sair de cena; antes, porém, fala, diz:

Homem

Canudos é uma placa de silêncio
Perfurada de gritos,
Machucada de choros e de soluços;
E neste silêncio, escondido,
Há uma vaia, um assobio abafado,
Torturado neste silêncio.
A vida boa é a vida que se encontra
Numa história contada.
No que se pressente, no que se vê
De longe, no que passa depressa;
O que se vê de perto, de muito perto
É quase sempre, feio,
É duro, triste e malvado.

(sai)

Acaba em plena escuridão o quarto quadro

QUINTO QUADRO

Derrota da 3ª Expedição

Acampamento do Estado-Maior da 3.ª Expedição, no Alto da Favela, e durante o ataque ao arraial de Canudos. Ouvem-se o troar da artilharia e, mais longe, apenas perceptível, o som dos sinos das igrejas do arraial. O ataque dura há várias horas; estão presentes alguns oficiais do Estado-Maior e ajudantes-de-ordem do comandante da expedição, que se ausentou, saindo na direção do mais aceso da batalha.

Ajudante-de-ordem do comandante

(entrando abruptamente e em estado de excitação)

Senhores oficiais, o comandante

Coronel Moreira César

Acaba de ser atingido por uma bala!

Os oficiais saem pressurosos na direção do fundo de cena e voltam logo após fazendo conduzir por soldados do corpo de saúde, numa padiola, o coronel Moreira César, que conserva a mão comprimindo o lado esquerdo.

Primeiro oficial

Foi um ferimento leve, por certo,

A batalha se desenrolou bastante longe,

E aqui estamos bastante abrigados.

Terceiro oficial

Ele sofreu dois ferimentos.

Oficial médico

É melhor levá-lo para a Fazenda Velha.

Lá poderei examinar melhor

O seu ferimento.

Moreira César

Quero lutar...

Hei de continuar a lutar...

Hei de vencer esses bandidos.

Mas... Mandem chamar o coronel (*geme*) Tamarindo.

Os soldados apanham a padiola e levam-na para o lado direito, na direção da Fazenda Velha, fora de cena; saem todos,

*depois voltam os oficiais e ficam observando, do Alto onde estão,
o desenrolar da batalha.*

Primeiro oficial

Há cinco horas que dura a batalha
E o comandante parece que está
Mortalmente ferido;
Não deve passar desta noite.

Segundo oficial

A investida, a princípio, foi rápida
E fácil, o canhoneiro imobilizou
Toda a defesa dos jagunços.

Terceiro oficial

Mas isso está durando demais,
Acho tudo muito impreciso e confuso.

Primeiro oficial

E agora com o comandante
Às portas da morte,
A confusão vai se tornar maior.

Terceiro oficial

O coronel Tamarindo chamado
Ainda não compareceu.

Segundo oficial

Canudos! Canudos mesmo de dia
É uma cidade noturna.

Quarto oficial

Suas casas escuras, escuras,
Cobertas de terra, de argila vermelha:
Nelas o telhado e o chão
Não se distinguem.

Segundo oficial

Mas, por que não vem o coronel
Tamarindo?

Primeiro oficial

Está em luta acesa,
À frente do seu batalhão,
Do outro lado do rio.

Terceiro oficial

Estamos com cinco horas de luta;
Em breve a noite chegará... e estamos perdidos..
Entra uma ordenança.

Ordenança (fazendo continência)

O coronel Tamarindo chegou, há pouco,
E está com o comandante
Na Fazenda Velha!

Os oficiais caminham na direção da Fazenda Velha, ao encontro do coronel Tamarindo; em cena fica somente o 3.º oficial.

Terceiro oficial

A tarde vai alta e a noite se aproxima;
Dentro daquela terra,

Dentro daqueles casebres
Já não se distingue jagunço
De soldado; e a noite
Os confundirá ainda mais.
A noite! Acho que esta batalha
Não tem solução; é uma luta
Contra ninguém, contra o barro
Contra o vazio; os nossos soldados
Se debatem dentro de uma rede.
Dentro de uma rede de coisas anuladas.
Dentro de um labirinto
De direções impossíveis.

*Entram, voltando da Fazenda Velha, vários oficiais;
conversam.*

Primeiro oficial

Enfim, ficou resolvida a retirada?

Quarto oficial

Não há outro remédio;
O coronel Moreira César, é certo,
Recusou-se a aceitar o alvitre;
Indignou-se, por pouco não teve
Um dos seus acessos; alegou
Que há ainda muitos soldados
E muita munição, poderíamos
Repetir o ataque amanhã bem cedo;
Mas que valem soldados,
E munições nesta guerra!
Pelo menos na situação moral

Em que estamos nesta campanha
A única solução é a retirada;
O coronel Tamarindo tem razão.

Segundo oficial (*olhando, longe, a batalha*)

Observem, não precisa ordenar
A retirada, nossos soldados já estão fugindo;
Depois de um assalto dessa natureza
Tão penetrante e, na aparência,
Tão completo e decisivo,
E, apesar disso, sem sucesso,
Para que repeti-lo? Canudos
Foi vencida, expugnada, e
Contudo ficou intata, inalterável;
As leis da guerra não são aqui
Aplicáveis. Como num sonho,
A posse, aqui, é sempre incompleta.

Quarto oficial

No sonho avança-se, e não se consegue
Avançar, estendem-se os braços
Para alcançar, e nunca se chega
Realmente a alcançar; poderíamos
Repetir este ataque quantas
Vezes quiséssemos, sem resultado.

(olha)

Os soldados já se estão retirando.

*Ouve-se o som dos clarins ordenando a retirada, e logo
após entra um oficial e anuncia a morte do coronel Moreira
César.*

O oficial

Anuncio aos senhores oficiais
Que o coronel Moreira César faleceu;
O novo comandante ordenou
A retirada geral das tropas.

Segundo oficial (*pensativo*)

Ele que desejava morrer
Ouvindo os clarins, numa carga
De baionetas, morre, agora,
Ouvindo os clarins da derrota,
Esse oficial que viveu,
Que viveu sempre dentro de um pesadelo.

Começam a passar soldados se retirando, um a um, em grupos de dois, de três; surgem à esquerda e do fundo, ora caminham devagar com os rostos voltados para onde vieram, ora caminham devagar, e logo correm espantados. Desaparecem; ora entram em cena já correndo, voltando sempre o rosto para trás (procura-se dar aqui a sensação de um processo de retirada gradual e crescente).

Segundo oficial (*meditativo*)

E a verdade desta batalha?
Será que ela se deu?
A realidade numa região como esta
É esquiva e fugidia;
Uma batalha na região de Canudos
Será que pode haver algum dia?
As regiões adequadas a uma campanha militar
Trazem já um cenário de ação e atividade.

Na região de Canudos tudo está parado,
Tudo está acabado, desolado, morto.
Entre o soldado e o jagunço não houve ação:
Os dois, em contato, não se agrediram,
Se amorteceram como balas
Num monte de areia; os antagonistas
Não se feriram; não se chocaram,
Se repeliram assustados.

Os soldados que fogem (pois não se trata de uma retirada em ordem, mas de verdadeira fuga) deixam de passar por um momento; depois outra leva irrompe de vários lados, de várias direções, espantados, confusos; a noite começa a descer; ouvem-se agora sinos, intensos, crescendo cada vez mais, até aturdir os oficiais que por fim também se deslocam, e vão, aos poucos, se retirando para a direita até desaparecerem; a cena fica deserta; a noite continua a escurecer todos os recantos do terreno acidentado e deserto; por fim fica tudo negro; os sinos, de súbito, emudecem; depois de certo espaço de tempo, começa a aparecer ao fundo uma claridade: amanhece; na claridade da manhã nota-se que as árvores ressequidas da região como que florescem, pois todas elas estão enfeitadas de trapos coloridos das fardas dos soldados; um pequeno vento agita aqueles farrapos; ouve-se agora um som de sino matinal, chamando para a missa, sino, ao mesmo tempo fúnebre e festivo; um homem vestido à moda da época em que se leia ou se represente esta peça, entra, e atravessa a cena da esquerda para a direita, e de passagem fala para a platéia.

O homem

Há um sino cantando no ar,
Um sino triste e contente,
Um sino fúnebre e festivo...
Sino da derrota, sino da retirada
Sino chamando para a missa
Um sino... uma voz humana...
Humana e... matutina.
(sai)

SEGUNDO ATO

PRIMEIRO QUADRO

Uma noite no Alto da Favela

As tropas da 4.ª expedição vêm de atingir o Alto da Favela.

É noite. O terreno convulso, cheio de ravinas, de cortes abruptos, desfaz toda a possibilidade de se encontrar ali um plano de horizonte; logo mais além, entre socalcos e blocos de terra de alturas diversas, sente-se que o terreno vai descendo; efetivamente, dali o terreno começa a descambar para Canudos. Aos lados desse Alto, tão perturbado de erosões, a vegetação é rala; há algumas árvores aqui e ali, ressequidas; numa delas, à direita, ao fundo, pendurado está, ou melhor, depositado sobre ramos secos, o corpo do Chefe da 3.ª Expedição, coronel Moreira César; está escanchado na árvore ainda vestido com a sua farda de coronel, as mãos, caídas, ainda calçadas de

luvas pretas; o corpo, mumificado, decapitado, quase esquelético, veste calças de montaria e dólma de cujas mangas sobressaem as divisas; embaixo da árvore está a cabeça do comandante, também descarnada, ressequida, mumificada como o corpo; ao lado da cabeça encostadas ao tronco da árvore, as bolas do coronel.

Mais para o proscênio estão deitados, alinhados, como em pelotões que rastejassem, vários cadáveres de soldados da 3.^a Expedição, também esqueléticos e ressequidos, dentro das suas fardas ainda conservadas. Um luar meio encoberto de nuvens, de vez em quando assoma e ilumina aquele quadro macabro.

Entram pela esquerda alguns soldados e oficiais, procurando lugar abrigado para dormir, pois ouvem-se, distante, descargas sucessivas, vindas dos jagunços escondidos; os soldados olham, horrorizados, para os cadáveres, mas logo se acomodam num recanto para dormir; dois deles conversam:

Antônio *(em voz baixa para Francisco)*

A quarta expedição entrou num campo
Onde uma batalha continua ainda:
Uma batalha de soldados mortos.

Francisco

Mortos? Estão é preparados para a luta;
Rastejando chegaram até aqui,
E estão prontos para atacar
Antes do amanhecer.

Antônio Eles não estão vivos, estes jagunços,
Mas o Conselheiro sempre ressuscita
Os seus mortos; olha, observa:
Estão se movendo...

Francisco

Estou apavorado, Antônio,
Conheço bem esse poder do Conselheiro:
Há vários meses estive em Canudos.

Antônio É em vão esta luta contra fantasmas
Contra almas do outro mundo, Francisco.

Os dois se levantaram e, agachados, aproveitando uma curta passagem de nuvem sobre a lua, se esconderam por trás da moita.

Antônio Os tiros estão na outra direção
Poderemos sair por aqui

Francisco

Chega de tanta aflição neste inferno;

Os dois, agachados por trás da moita, abandonam o acampamento. Reina um momento de silêncio. Depois, pelo lado direito, mais ou menos confrontando a árvore onde está o corpo do coronel, entra o general Artur Oscar; acaba de levantar-se e sair do abrigo em que estava, enquanto já está dormindo quase a totalidade dos soldados e oficiais; ouve-se ligeiro rressonar que se confunde com um pequeno rumor de vento nos ramos secos. O general se agacha, nervoso, um pouco agitado, e fica à

espera por trás de um renque de arbustos e pedras; toda a cena é iluminada pela lua.

O general

Nem sempre morrer numa batalha
É ato de heroísmo, pode ser um ato sem convicção,
De simples rotina.
Ato de quem exerce uma profissão
Com zelo e dignidade.
(pausa, refletindo)
É bestial a sorte de quem perde a vida
Em nome de um conceito vão qualquer,
Criado como mentira, ilusão;
Morrer para os outros, ser história
(sorri melancolicamente)
Para os outros; história comovente
Para os que continuam vivos
E gozam a beleza dos atos sublimes,
E amam as histórias românticas:
Pois o que morre acaba para sempre,
O que morre não tem depois...

O general vê os dois vultos dos soldados que fogem protegidos por uma sombra passageira no luar.

Mesmo se a alma existe
Não existe no tempo e no espaço:
Duas fantasias, dois devaneios,
Em que o homem colocou toda a sua verdade,
Toda a realidade que vivemos.
A idéia do que não pertence
Ao espacial e ao temporal

Não é compreendida, é sonhada.
Os atos dos heróis são sonhados,
Sonhos sempre provocados
Pelos que esperam do homem mais do que ele tem;
Mais do que ele pode dar.

Há um rumor mais forte e misterioso dominando o silêncio, é um rumor compassado como se viesse dos soldados mortos, deitados. O general, que estava em atitude de meditação, toma uma atitude de alerta, e, surpreso, tem a impressão de que vê os soldados mortos se moverem dentro de um jogo de sombra e luz lunar; os soldados mortos rastejam em ordem, conservando, mais ou menos, a formação em pelotões; um outro rumor mais longe desvia, porém, a atenção do general para a árvore onde está o corpo de Moreira César; um golpe de vento balança-o, com estalidos de ramos secos: o general sente um frêmito de espanto, mas, exausto pela marcha durante o dia, tem ligeiro cochilo; ao abrir os olhos vê que o coronel Moreira César, sem cabeça, começa a descer da árvore, vê, nitidamente, as suas mãos descarnadas, enluvadas de preto, agarrarem-se aos ramos da árvore e fazerem o corpo deslizar até o chão, apanhar a cabeça e colocá-la entre os ombros; e ainda, tomando as botas, calçá-las. O coronel caminha para os soldados mortos, que continuam a rastejar, ergue o busto, coberto pela farda bamba e rasgada, faz um gesto violento com a mão direita – a luva desprende-se da mão esquelética, e, voando, cai sobre uma macega – e dá em voz cava uma ordem de comando; o general, que tinha adormecido, tem a impressão de que desperta, e, logo após, adormece novamente; o coronel Moreira César se aproxima do local onde está o general, e posta-se diante do renque de arbustos e pedras que o abriga: o coronel Moreira César fala, ao mesmo

tempo, como se fosse ele próprio e o coronel Tamarindo.

Coronel General! Estamos numa fronteira:

Eu do lado da morte.

General E eu do lado do sono.

Coronel Uma fronteira entre dois mundos

Paralelos. Entre dois espaços

Contíguos que não interferem;

Mas, entre os dois há uma áspera

Passagem, há uma cerca

Que não é lisa, nem fácil

De transpor. A vida é uma planta

Muito dura de arrancar,

Uma erva má, cheia de espinhos.

General Mas, numa batalha, entre

O sono e a morte, a distância é pequena.

Coronel Vim até aqui, general,

Apenas para lhe avisar

Que a 4.^a expedição está cercada,

Está perdida, vencida, no mesmo lugar

Em que fui vencido; vencido...

Pelo céu dos jagunços.

General E existe o céu?

Coronel Existe.

Cada um de nós possui um céu e um inferno:

O céu para nós, para os nossos parentes
E os nossos amigos;
O inferno para os indiferentes,
E os nossos inimigos. Fui vencido
Pela vontade do Céu
De Antônio Conselheiro.

General Pela vontade do céu de Antônio Conselheiro?

Coronel *(ao mesmo tempo falando como Moreira César e como o coronel Tamarindo)*

Sim! Mas tinha tudo para vencer
Esses bandidos! Esses facínoras!
Vim na certa de esmagá-los,
De acabar com essa canalha!
(pausa mudando de voz)
Ordenei a retirada porque não havia
Mais chance de vitória, e queria
Voltar para o seio de minha família.
Para que continuar a lutar? Enfrentar a morte certa;
Para quê? Minha mulher e meus filhos
Me esperavam. *(pausa – a voz)*
Dêem-me outra vez
O comando, verão o que hei de fazer!
Mostrarei de que é capaz a minha bravura!
(pausa – nova voz)
Voltar! Viver tranqüilo os últimos
Anos da minha vida, numa pequena
Casa, nos arredores do subúrbio
Onde nasci!

General *(com voz calma)*

Desta vez
Venceremos, desta vez
Iremos desfazer todas as lendas
Que ainda mantêm esta pobre gente
Em revolta contra a República.

Coronel *(sorrindo)*

O seu céu deve ser mais poderoso
Do que o meu, mas, como já disse,
A sua expedição, general, está
Encurralada neste morro, neste monte
Em que se sobe e, ao mesmo tempo, se desce,
Pois é um pico e um poço, uma cratera!

General *(voz calma)*

Desta vez ficaremos livres
Dessa desordem, dessa vergonha.

Coronel *(se retirando)*

Desejo-lhe sorte, general,
Desejo que realize aquilo que não pude fazer.
Aniquile, destroce essa canalha!

(pausa)

E volte, feliz, para o seio de sua família,
A viver tranqüilo até o fim dos seus dias.

O coronel desaparece; um clarim toca alvorada, o general Oscar abre os olhos e, com espanto, nota que, no local, não estão mais os cadáveres dos soldados, e o do coronel Moreira César; entra um oficial.

Oficial General, antes do amanhecer,
Ordenei que recolhessem os cadáveres
Que aqui estavam; mandei enterrá-los;
Quero lhe comunicar ainda que o comboio
Cercado, conseguiu vencer o cerco, e chegou
Ao nosso acampamento;
O general Savaget, vindo de Sergipe,
Está neste momento acampado
Na outra margem do Vaza-barris.
Nos achamos assim em condições de iniciar
A ofensiva sobre o arraial.

Ouvem-se rumores de carros, de carretas de canhões, acompanhados da algazarra dos soldados que festejam as boas notícias recebidas; o general e o oficial saem juntos pela direita.

SEGUNDO QUADRO

Destruição de Canudos

A cena representa o interior de uma igreja. A Igreja Nova, constituída pelo Conselheiro: no chão, estendido, morto, está o Conselheiro, no chão da nave da igreja, vestido na sua longa batina azul; adiante do corpo, mais para o proscênio, onde estariam as portas da igreja, um grupo de mulheres de costas para o cadáver, que somente é visto através de um intervalo entre as mulheres na parte central do grupo; as mulheres de costas para o Conselheiro morto ficam assim de frente para a platéia, e rezam, e invocam o Conselheiro nas suas lamentações; vêem-se também as duas paredes que limitam o interior da igreja;

mais para o fundo, mais ou menos na altura do altar, e separado da cena por uma espécie de nuvem, em anfiteatro, permanecem de pé, e em círculo, figuras que representam historiadores, sociólogos, jornalistas que estudaram a personalidade de Antônio Conselheiro. São seis: o primeiro usa chapéu de couro e alpercatas, o segundo, fraque e chapéu coco, o terceiro, uma farda antiquada e boné de soldado, o quarto, uma velha batina e barrete de clérigo, o quinto, roupa branca e chapéu do panamá e, o sexto, usa uma barrete cônico e sobrecasaca; todos sobraçam grandes livros e têm máscaras com orelhas grandes, os olhos oblíquos e as bocas largas; na boca, um sorriso meio imbecilizado; este grupo está de pé e acima da nuvem que o separa do resto da igreja:

Coro das mulheres

Senhor! Senhor! Agora a caminho do céu!
Rogai por nós!
Que de lá, do alto do paraíso nos proteja,
Proteja esta terra inútil aos seus primeiros povoadores
E, porque estava abandonada,
 Fizemos sede de nossos lares
Senhor, Senhor, agora a caminho do céu
Rogai por nós!

Terceira voz

Antônio! Que trataste com teu cuidado
Esta terra virgem do carinho das águas,
Do carinho que fecunda as sementes,
E faz nascer as plantas, e faz abrir as flores;
E que se fecha, depois, na íntima doçura

Dos frutos que amadurecem

(pausa)

Vencido estás agora no chão de tua igreja

Vencido e julgado, vencido e morto.

Ouvem-se os risos altos das figuras mascaradas, no Alto.

Coro das mulheres

Senhor! Senhor! Vinde! Vinde do céu!

Vinde do céu feito em nuvens, feito chuvas:

Canaviais do céu, milharais abrindo,

Entre folhagens, espigas verdes!

Terceira voz

Antônio! Morreste por uma grande fé

E por uma, ainda maior, caridade,

No seio do povo que abrigaste

Em tua esperança. Morreste mártir

Como os mais santos da cristandade.

(pausa)

Morreste lutando contra a República

Pois imaginaste que os republicanos

Um dia loteariam as terras deste país

E as venderiam ao estrangeiro.

(pausa)

Houve um tempo em que os homens

Não tinham, como hoje, tanta hipocrisia,

E a um só, dentre eles, nunca atribuíram

O poder de ser juiz, juiz absoluto de suas dissensões:

Tinha razão quem vencia na luta.

(pausa)

Foste julgado, Antônio, pela lei real da vida
Foste vencido e, portanto, justamente condenado.
Condenado e morto!

Os risos dos historiadores, sociólogos, teólogos, etc., fazem-se ouvir mais alto.

Coro das mulheres

Ave Maria! Ave Maria! Ave do Além!
Ave! Ave do Além, parai as asas
Cantai um canto em terra fértil
Erguido em vento novo.
Senhor! Senhor! Rogai por nós a Maria!

Terceira voz

Os que negam a tua verdade
São os que têm o orgulho de possuir a verdade
E fazem desse orgulho a sua maior virtude;
Os que dizem que receberam de Deus
O privilégio de serem os únicos
Estão mentindo, e sabem que estão mentindo.
(pausa)
Pois as coisas não se compreendem todas
De uma só e primeira vez
Sempre fica, da verdade, grande parte submersa
No profundo de um mar desconhecido:
Por mais que nele mergulhemos
As origens da verdade nunca encontraremos.
Mas cada qual tem o direito de falar
Dos círculos encantados das profundidades,
Em flutuações de murmúrios inaudíveis,

Em ilusões de grandes conchas abertas,
Iluminadas de auroras boreais.
Também tiveste, o teu idioma, e amaste uma verdade,
Antônio Maciel, Conselheiro de Canudos!

*As formas mascaradas riem um grande riso alvar que ocupa,
por um instante, todo o espaço audível.*

Coro das mulheres

Ave cheia de graças, voa conosco! Voa conosco,
O Senhor! Senhor rogai por nós.
Bendita sois, Ave do céu, ave perene
Entre as mulheres. Rogai por nós!
Benditos eram os frutos que nasciam
Da terra virgem, e renasciam
Todos os anos, Ave do céu!
Rogai, por nós, a Deus!

*Ouvem-se as primeiras descargas de uma fuzilaria mais
cerrada, ainda um pouco distante.*

Terceira voz

Por que escolheste esta terra queimada
De esquecimento, e nela reuniste
Vidas dispersas e descontraídas
Extintas vontades, incompletos desejos
Que nada sabiam de uma pátria;
Terra queimada, esquecida
Em que os invasores descobriram uma fronteira
E por trás dela um país estrangeiro.
Porque descobriste esta terra esquecida
Em que implantaste uma lei instruída,

Tão certa e tão falsa como as dos doutores
Que pretenderam te condenar.
Os doutores que sempre legislam sobre o que não sabem,
Nem têm os pré-requisitos necessários
Para estudar e saber. Mas, Antônio,
Não foste julgado por suas leis impróprias
Foste vencido numa guerra,
Foste julgado pela lei real dos homens
Foste vencido, julgado e morto.

*Os homens mascarados, ao alto, continuam rindo, e sobre
as suas risadas, ouve-se, mais perto, a fuzilaria.*

Coro das mulheres

Jesus! Jesus! Pura manhã. Bendito fruto
De nosso ventre! Jesus!
Rogai por nós, por nós, pecadoras,
Sempre e sempre. E vinde nesta hora
Receber-nos na última porta de nossa vida,
No limiar de nossa morte.
Vinde! Vinde! Do além, além, além...

Terceira voz

O que era a Fé?
O que era a Esperança?
O que era a Caridade?
Era a Fé num destino. A Esperança de sobreviver.
A Caridade da assistência igual e mútua:
Todas as mãos no mesmo nível;
Ao teu Evangelho chamaram de Fanatismo,
E de ti procuraram afastar o teu povo recolhido,

Como, há milênios, os que vivem felizes e fartos
Sempre se fingem piedosos, preocupados
Pelos que estão famintos. Piedosamente!
A estes oferecem a fé em um outro mundo
De maravilhas: um país de encantos e duendes,
A esperança de gozos eternos a quem não tem
O gozo de um instante, e a caridade
De mãos, que descem de muito alto,
Enluvadas e perfumadas; caridade precária
Para quem dela precisa certa, unida e constante.
E te chamaram de criminoso, a ti
Que usaste uma força, uma energia iguais
Às dos outros homens; te diriam criminoso
Em nome de leis abstratas irreais
Que não foram pesquisadas e descobertas
E sim feitas, fabricadas conforme desígnios
E interesses subalternos e ridículos.
Mas, Antônio, um merecimento tiveste,
Por elas não foste julgado,
Foste vencido depois de quatro batalhas,
Foste vencido pela lei real dos homens,
Vencido, condenado e morto.

*As máscaras ao alto riem sempre com seu riso irônico e
bestial, à medida que a fuzilaria é ouvida cada vez mais
próxima.*

Coro das mulheres

Ave Maria! Ave! Mãe de Deus!
Ave Santa Maria, Ave desta hora
Vinde do Além, Além, Além

Vinde fechar a porta, vinde...

A última porta de nossa morte.

Amém... Amém... Amém

Uma explosão faz ruir o muro do lado direito da igreja nova, as mulheres caem de bruços, no chão, torna-se mais visível agora o corpo do Conselheiro estendido no chão; as figuras mascaradas reafundam na nuvem aos seus pés; através da abertura, deixada pela queda da parede, vêem-se os quatro últimos combatentes de Canudos, entrincheirados por detrás de um monte de pedra: um homem válido, dois velhos e um rapaz de quinze anos, lutam desesperadamente, e vão, um a um, caindo; o último a cair é o jovem de quinze anos, que rodopia no ar e se estende entre os lajedos; neste momento, pelo lado esquerdo irrompem, no interior da igreja destruída, alguns soldados, olham surpreendidos os corpos debruçados das mulheres, e o cadáver estendido do Conselheiro. Atraídos depois pelo espetáculo dos últimos combatentes mortos, ficam por um momento indecisos; o jovem, no entanto, parece que ainda vive, pois do seu corpo se ergue um braço, com a mão aberta, e acenando; os soldados correm para ele.

Terceira voz

Canudos terminou. Todos os seus defensores

Morreram; resta apenas no campo de batalha

Um braço erguido, com a sua mão aberta:

O braço erguido de uma criança;

Um braço erguido como uma bandeira

De uma infância, de uma dor, de uma pátria.

Antes da chegada dos soldados o braço do rapaz cai e fica imóvel.

TERCEIRO QUADRO

O açude de Canudos

A cena representa a inauguração de um açude que vai alagar toda a região de Canudos; vê-se um trecho da barragem de terra, no seu encontro com o sangradouro que é de concreto armado; a soleira do sangradouro está alta, nada se vende da bacia do açude, que vai encher, a não ser as partes já indicadas; logo abaixo da soleira do sangradouro está um pano corrido, encobrindo uma inscrição ou placa com o nome do açude. Para a festa da inauguração foi armado um palanque ao lado da barragem; vários personagens se preparam para a solenidade: o prefeito, o seu secretário e auxiliares imediatos, o juiz de Direito, o vigário, vereadores, etc.; ao pé, uma fanfarra de quatro ou cinco músicos bisonhos; ao lado, várias pessoas dão a impressão que pequena multidão está ali.

O prefeito

Hoje é um dia memorável,
Um dia que marcará para sempre
O destino desta terra:
Cenário de um drama que abalou
A consciência nacional.
Hoje, inauguramos o açude de Canudos;
Onde havia o crime, o fanatismo,
A insensata ambição de homens perversos,
Cuja repressão custou tanto sangue
À nossa pátria, hoje, nesta região,
Se inaugura uma era de abundância.

Vozes de aplausos que se esganiçam, no fim, em quase assobio.

As águas do açude de Canudos
Cobrirão o cenário do crime e da heresia,
(o vigário faz com a cabeça sinal de assentimento)
Apagarão as manchas dos crimes praticados
Pelos cangaceiros e jagunços que aqui se acoitaram:
Verdadeira vergonha para os nossos foros de povo
Civilizado. Reinará agora aqui a paz e a felicidade
(aplausos que se confundem com assobios)
(ouve-se ao mesmo tempo um pio de ave)

O juiz de direito

A Artur Oscar, o general vencedor
De Canudos, se consagra este açude.
Comandante da quarta expedição
Conseguiu desfazer os milagres,
Derrotar os mistificadores,
Amordaçar os pregoeiros da desordem;
Sua ação militar veio mostrar ao mundo
Que a ciência vence o milagre,
A ciência veio enfim convencer os que acreditam
Em misticismos ingênuos.
(aplausos acompanhados de assobios)

Um fazendeiro

Se este açude tivesse sido feito
Há mais tempo, a guerra de Canudos...
A guerra de Canudos não haveria.

Um repórter (*procurando passagem entre os assistentes*)

Um momento, um momento;
Tenho que registrar para o meu jornal
Este grande acontecimento.

Um engenheiro (*à parte*)

Mais um açude, mais um açude
Para ficar perdido, assoreado, inútil.

O juiz de direito (*continuando*)

Artur Oscar, o grande soldado! Que desencantou
Esta terra dos milagres, e das fábulas
Será o patrono desse novo milagre:
Obra da ciência e da tecnologia,
Redimindo esta terra pelas águas.
(aplausos prolongados) (assobios)

*(A fanfarra executa algumas notas de um dobrado, e
silencia)*

O vigário

Serei breve, apenas nesta inauguração
Quero afirmar a grandeza de Deus,
Que enfim abençoou esta terra:
Acabou a época das alucinações.
(pausa. Pigarreia)
A água crescerá aqui nestas terras.
Tornará fértil estes vales e colinas.
Onde tanta heresia se praticou
Contra o bom nome da Igreja de Jesus Cristo.
A água aclamará dentro em pouco

Como uma multidão e como uma bênção do céu
O grande general Artur Oscar.

Um engenheiro

No sangradouro deste açude
Ficará gravada, para sempre,
A sua fama imorredoura;
Ficará registrada de maneira indissolúvel
O seu brio, a sua bravura de soldado

O prefeito (*descerrando a cortina que encobre a placa comemorativa*)

Está inaugurado o açude Artur Oscar
(*aparece na placa o nome do general*)

Todos aplaudem; do lado onde se encontra a multidão ouvem-se grandes aclamações; a fanfarra ensaia novamente as primeiras frases de um dobrado, e logo saem todos ao som da música; a cena fica por um momento vazia.

Do lado direito, caminhando cabisbaixo, entra o general Artur Oscar, se aproxima e examina o local, sem notar a parede e o sangradouro do açude.

Ouvem-se, ainda, distantes, as vozes de aclamações:

As águas aclamaram, elegeram
O nome de Artur Oscar!
Elegeram Artur Oscar!

O general pára, e escuta.

Artur Oscar

Estes foram os caminhos percorridos,
Os antigos caminhos que conduziram à vitória.

Vitória?! Tenho remorso dessa vitória!

Vitória? A Quarta expedição também foi derrotada.

(tosse secamente, e cospe)

(Ouvem-se um gemido longo, uma voz estrangulada, o piar de uma ave)

Artur Oscar

É o vento? Alguma ave agourenta?

Uma voz surda, decepada, uma voz de medo,

Voz de garganta sem cabeça;

O gemido, o estertor dos degolados?

A guerra de Canudos foi uma autobatalha

Uma luta contra o nosso próprio medo,

Contra os nossos próprios fantasmas;

Tenho remorso dessa vitória!

Remorso! Mas onde começa o remorso

É que termina a glória?... A glória

Nessa arte de matar? Glória ou infâmia?

Quem pode saber?

Um jornalista de televisão se aproxima do general; uma luz intensa brilha vivamente sobre este, que não a vê nem sente, nem percebe nem ouve, nem vê o jornalista.

Jornalista

General, que pensa o senhor desta homenagem?

Quer dizer algumas palavras para os telespectadores?

O general *(que não o ouve, nem vê, olha para outro lado)*

Sim! Eu os vejo em fila:

Os velhos trôpegos, as mulheres cadavéricas;

Em fila, em longa fila pelos caminhos;
Vi o rosto de uma menina destruído
Em parte por uma granada:
Rosto de uma só face: uma só ferida.
Por uma face somente é que sorria,
Pela outra, a destruída, certamente chorava.
Vi a mulher louca que os meus soldados
Degolaram. Vi as crianças pequeninas
Também decapitadas. Glória!
Remorso! A glória dos homens! Glória?

O jornalista de televisão se aproxima do general, que, não o vendo, marcha sobre ele como se nada ali existisse; o jornalista desvia-se para não chocar-se com o general.

O jornalista (*desviando-se*)

General! General! Todos os olhos do país
Estão voltados para aqui, para esta cena:
Uma palavra, uma saudação ao menos.

O general

(sem tomar conhecimento do jornalista e nem ouvi-lo)

Aqui estou, novamente no deserto,
E só, da outra vez tinha comigo
Cinco mil soldados, cinco mil, contra a sombra
de alguns poucos
Agora reina aqui a solidão, o deserto.

O general marcha novamente, sem saber, na direção do jornalista, que se desvia.

O jornalista

Prezados ouvintes e telespectadores:
 O general está mudo, dele não se pode
 Obter uma só palavra: é um fantasma
 Triste, indelicado.... e orgulhoso.
(retira-se)

O general *(continuando a andar e a olhar para o chão como a procura de alguma coisa)*

Só! Estou só, como todos eles eram sós
 Tão sós que não podiam fazer uma sociedade,
 Uma cidade; Canudos era a cidade-morta, uma cidade
 Do silêncio e da solidão... todos eram sós.
 Mesmo unidos continuavam sós.
(pausa)

Mas não consigo achar... não consigo...
 No entanto lembro-me bem que foi aqui...

Olha, de repente, para um ponto no chão, e sorri, satisfeito, vai até lá, e apanha no chão um botão.

Ah! Aqui está ele, o botão que faltava
 Caiu aqui, me lembro bem, e aqui está ele;
 Achei-o, depois de tantos anos; o botão
 Da minha túnica, o botão que faltava.

Com o rosto prazenteiro, agora, o general olha para cima e vê, pela primeira vez, o seu nome inscrito no sangradouro.

O general *(lendo surpreso)*

Açude Artur Oscar, por quê?
 Por que Artur Oscar? Podia ser...

Podia ser Pajeú, podia ser Moreira César...
E por que não João Abade, o chefe do povo? Por quê?
Todos combateram e aqui morreram,
Todos cumpriram o seu dever.
Devia ser Pajeú... Moreira César...
Mas nunca Artur Oscar, o general
Que tem remorso dessa vitória.

Vai-se afastando, aos poucos, e sai; a cena fica vazia e em silêncio; de repente ouve-se um rumor longínquo de trovão, e se vê um relâmpago; outros relâmpagos se sucedem acompanhados de trovões; ouve-se, distante, um rumor de chuva pesada e de vento forte; na linha da soleira do sangradouro, aparece um friso prateado que logo aos poucos vai crescendo, e se alastra pelo sangradouro abaixo; sangrando, com as chuvas, o açude, a água escorre sobre a pedra e a placa onde está escrito o nome “Açude Artur Oscar”; a água escorre, como um verdadeiro lençol, encobrendo inteiramente o nome; momentos depois, os relâmpagos, os trovões e o rumor das chuvas cessam, pouco a pouco a água também vai deixando de passar no sangradouro; cessa enfim de todo, o nome reaparece, mas agora assim escrito: “Açude Antônio Conselheiro”.

QUARTO QUADRO

O museu de cabeças

A cena representa uma galeria de um museu de cabeças; com vitrinas alinhadas, dispostas na mais perfeita e bem estudada ordem museográfica, estão expostas as cabeças das grandes personagens históricas que foram decapitadas: São João

Batista, Maria Stuart, etc.; penetra na galeria, pelo lado esquerdo, um par de namorados – João e Maria – com as mãos dadas; entrando pela esquerda, o par avança para sair pela direita, sem prestar atenção aos objetos que estão sendo apresentados, e muito menos prestando ouvidos às palavras do alto-falante que anuncia; as vitrinas estão todas apagadas, e vão sendo iluminadas, na medida em que o alto-falante anuncia; ilumina-se uma das vitrinas.

Alto-falante

Esta é a cabeça de São João Batista,
 É a peça mais rica deste museu;
 Foi um santo, como todos sabem.
 A sua cabeça foi desejada por Salomé,
 A bailarina e amante de Herodes;
 Esta peça nos foi legada pela própria dançarina;
 Esta é a cabeça do primeiro santo: São João.

Maria (*pára, volta-se para João e olha-o amorosamente nos olhos*)

João! Querido João! Quero mirar-me
 No espelho d'água dos teus olhos, João:
 Quero receber o batismo dos teus olhos,
 O batismo do teu sangue.

João Os meus olhos, Maria, são mãos de água.
 Com as mãos dos meus olhos
 Inundarei os teus cabelos;
 Porei sobre o teu rosto as minhas mãos
 Molhadas dos meus olhos.

Pelo calor do nosso sangue, um dia,
Se dará a confluência de nossos olhos.

Durante o diálogo dos namorados, a voz do alto-falante diminui de intensidade, e apenas se percebe um rumor indistinto.

João *(erguendo um pouco os olhos para o alto)*

Ouviste uma voz? Parece que neste silêncio
Soou uma voz... Uma voz inesperada...

Maria Uma voz? Só a tua eu ouço,
Somente a tua voz é letra, é forma, é som,
Somente a tua voz é carne, João.

Agora aparece iluminada a vitrina, onde está a cabeça de Cícero, o grande orador romano.

Alto-falante

Está vitrina contém a cabeça de Cícero,
O grande advogado e orador romano;
Está colocada na própria tribuna
Onde foi posta por Marco Antônio,
A quem o Museu deve esta peça admirável.
Parece que ainda tem na boca
Suas últimas palavras.

João Já não tenho mais palavras
Para contar-te o meu desejo;
Já não tenho gestos para possuir
O teu contato e fazer
O meu tato em ti mais penetrante.

Maria Palavra! Tudo é palavra? Gesto!
Tudo é mesmo gesto.
Que venha aquele que há de ser,
Aquele que será único e para sempre
Em mim. A tua palavra é um vôo,
O meu gesto é um grito.
A vitrina anterior apaga-se, ilumina-se a seguinte.

Alto-falante

Um poeta!
Eis aqui a cabeça de um poeta
Que morreu guilhotinado: André Chénier!
Ninguém mais se lembra dele
Como poeta, mas o ouve cantar
Em muitos palcos, por atores
Que esqueceram os seus versos.
Aqui está André Chenier!

João Em vez de andarmos aqui neste lugar
Onde há tanto silêncio, Maria,
Podíamos ir passear num jardim.

Maria (*sorrindo*)

Num jardim? Onde estivermos juntos,
João, é sempre um jardim;
Há sempre um mover de folhas,
Há sempre um cantar de água corrente;
Nós dois somos, juntos, um jardim.

*Aparecem, agora, transversalmente à galeria, duas
entradas: uma para a direita, outra para a esquerda.*

Alto-falante

Aqui estamos numa encruzilhada.
Os visitantes, tomando a direita,
Encontrarão várias cabeças de santos,
De monges, bispos e arcebispos,
Que foram decepadas pelos pagãos, hereges e gentios;
E se tomarem à esquerda, verão
Cabeças de hereges e gentios
Degoladas pelos monges e arcebispos;
Podem escolher a direção que estiver
De acordo com seus princípios e sentimentos.

Maria (*rindo alegremente*)

Sabes de que me lembrei, João?
Aposto que não serás capaz
De adivinhar.

João

Ora, se sei...
O teu riso é uma linguagem
Que aprendi a entender desde cedo,
Desde que te vi pela primeira vez.
Tu te lembras daquele dia
Em que entraste na Igreja do Bonfim,
E com os olhos na imagem do Senhor,
Sem saber por que, rezaste por mim.

Há um silêncio; o par de namorados continua a percorrer a galeria; ilumina-se agora uma vitrina, dentro dela está a cabeça com longos cabelos e barbas negras.

Alto-falante

Devem se aproximar para ver melhor,
Pois esta cabeça é de um homem
Que sonhou com a liberdade,
E morreu por ela, e por ela
Foi despedaçado, mas, em vão...
De seu corpo só restou esta cabeça
Que é daquele que em vida se chamou
Joaquim José da Silva Xavier,
O “Tiradentes”; aproximai-vos, olhai!

Maria Aquilo que nos prende,
Que nos prende um ao outro
É o que se chama: liberdade.

Maria (*só*)

– Sou o vôo, és as minhas asas,

João (*só*)

– És uma pluma, sou o sopro que te leva.

Os dois

– A liberdade em mim vem de ti somente.

*Agora se ilumina uma vitrina onde está uma cabeça
encerrada numa gaiola de ferro.*

Alto-falante

Esta é a cabeça de Ribas, o revolucionário
E está aqui na mesma gaiola de ferro

Em que a puseram os franciscanos
E a levaram em procissão pelas ruas de Caracas
Cantando aleluias!
Ninguém se lembra mais de Ribas na Venezuela!
Onde as bandeiras da Independência
Murcharam há muitos anos!

João e Maria *(a uma voz)*

Somos dois juntos, unidos: um par.
Mas somos dois diversos,
Dois que não somos parentes;
Do nosso dois nascerão muitos,
Muitos outros diferentes.

Maria *(só)*

– Sou uma flor, és o vento.

João *(só)*

– És a terra, sou a semente.

Os dois – Murchando em ti, não morrerei.

*Noutra vitrina que se ilumina aparece a cabeça de
Virgulino Lampião, o célebre cangaceiro do Nordeste.*

Alto-falante

Tenho prazer de apresentar agora
Um dos mais belos espécimes da nossa coleção:
É a cabeça de um bandido, dizem uns.
De um herói, dizem outros; por vinte anos

Foi, no Nordeste, governador do Sertão.
Esta é a cabeça de Virgulino Lampião.

João (*surpreso, afastando-se um pouco de Maria*)

Agora ouvi uma voz;
Tenho quase certeza de que ouvi uma voz,
Uma voz apagada, como vinda de muito longe,
Como feita de gemidos,
Como feita de choro e de fome.

Maria (*encostando a cabeça no peito de João*)

Estou ouvindo, estou ouvindo
Mas é a música do teu coração
Que será em breve convertida
Em balbucios de bocas pequeninas,
Em respiração e choro de crianças.

Continuando sempre a andar, o casal de namorados está quase próximo à saída da galeria. A voz no alto-falante anuncia mais uma cabeça.

Alto-falante

Aqui está a cabeça de uma mulher
Que como muitas outras se chamou Maria;
Não é Maria Stuart, Nem Maria Antonieta,
Que foram ambas rainhas,
Estas se encontram em outra galeria;
A cabeça que vêem é da mulher de Lampião
Que se chamava Maria Bonita.

João (*Olhando Maria no rosto*)

Come és bonita, Maria!

Já quase no fim da galeria o alto-falante anuncia.

Alto-falante

Enfim aqui está a última peça

Conservada nesta galeria:

Olhos fundos cheios de terra,

Boca fendida como fenda de terra,

Terra seca do Nordeste!

É a cabeça de Antônio Conselheiro

Patriarca de Canudos.

– Região deserta e muda e triste –

Guia de homens abandonados

Numa região convulsa e destroçada,

Que aos seus olhos iluminados

Pareceu uma terra prometida,

E por isso a batizou de Belo Monte.

João Quando a minha música, Maria,
Soará neste mundo feito em vozes?
Em sons novos e generosos?
Quando ela se transformará
Em rumor de passos vacilantes?
Em algazarra de vozes infantis?

Maria Quando chegares ao alto do meu corpo deitado,
E olhares o horizonte que de mim se vê;
Quando subires, João, o meu Belo Monte.
(*Saem*)

Nota: A relação entre o que diz o alto-falante e o que dizem João e Maria é de uma ordem lingüística por assim dizer “semênica”. Há sobre o que eles dizem uma certa influência dos ultra-sons.

QUINTO QUADRO

A Feira

Uma larga praça onde funciona uma feira: à esquerda vê-se uma barraca; nela o feirante apregoa a venda de uma vala comum; é o primeiro feirante pois a sua barraca é a única que está iluminada; as outras conservam-se no escuro.

Primeiro feirante

Senhores! Senhores! Aqui se vende uma vala comum!
Nesta vala podereis dormir tranqüilo
Até o fim dos séculos;
Ela é comum, é de todos, mas o vosso lugar
Nela está marcado;
No dia do Juízo Final descerão os anjos,
E, dentre a massa comum de todos que aqui estão,
Um deles, facilmente, vos reconhecerá.
Senhores! Senhores! Aqui se vende uma vala comum!

Um passante

Os anjos, então, farão ressuscitar,
Poderão reunir, separar do corpo de todos
O corpo de cada um?

Primeiro feirante

De certo. Porque são anjos de Deus.

Os corpos dos que tiverem túmulos separados
É que vão dar trabalho, é que trarão confusão;
Pois os corpos de todos eles acabarão aqui,
Ao passo que os seus nomes ficarão dispersos,
E se apagarão, na sua letra e no seu mármore,
Em outros lugares distantes.

Outro passante

De que me serve esta vala comum?
Ainda sou muito moço,
E não hei de morrer tão cedo
Esta vala não possui mais nada que interesse?

Primeiro feirante

Possui. Como disse, todos acabarão aqui.
E portanto, aqui estão recolhidas muitas riquezas:
De reis gloriosos, de imperadores e imperatrizes;
Nela podereis escavar, podereis descobrir, encontrar
Tesouros de antigos reis e rainhas que foram poderosos
Na terra, e fabricaram túmulos, mausoléus
Luxuosos e ricos, deslumbrantes de ouro e de pedrarias;
Podereis achar aqui uma verdadeira grande fortuna.
Comprai esta vala, o seu preço é cômodo,
Posso vendê-la por um milhão de dinheiros.

O passante

Uff! Tanto dinheiro por tão pouco estrume,
Tão pouco que não dará para adubar o meu jardim.
(*afasta-se*)

Primeiro feirante

Senhores! Senhores! Aqui se vende uma vala comum!
A sua barraca se apaga e uma outra aparece iluminada ao seu lado.

Segundo feirante

Aqui estou nesta feira para vender mercadorias
As mais usuais e baratas e mais fáceis de encontrar.
Pois vendo ódios e vinganças
Para o dia dos assassinos;
Vendo glórias perdidas,
Vendo ambições fanadas,
Para o dia dos fracassados;
Vendo leis ilusórias, decretos incertos e capciosos
Para o dia dos contraventores, falsários e ladrões!
(pausa)
Vendemos as mães famintas,
Os filhos dos flagelados,
A fome dos indigentes,
Os pais desempregados,
Para o dia dos miseráveis.
Para a missa dos que morreram suicidas
Vendemos o sétimo dia.
Para os que morreram em cidades destruídas
Pelos bombardeios, e arrasados tiveram
Os seus parques e jardins.
Vendemos flores.
Mas para os assassinados por atos de covardia,
E não deixaram os seus nomes, nem mesmo nas
[sepulturas

Para esses não vendemos, oferecemos de graça
Os seus nomes.

Alguns fregueses (*em grupo*)

Precisamos de alguns desses nomes;
Poderá nos dar, poderá dizer-nos.

O feirante

Entrai por aqui (*indica uma entrada lateral*)
Mas cuidado!
Que eles podem machucar os vossos lábios,
Podem ferir as vossas línguas,
Podem queimar as vossas almas!
Podem apodrecer os vossos ossos
Podem marcar de sangue a vossa testa.
Como marcou a dos assassinos,
Até a sua última geração.

*Os fregueses entram e o feirante os acompanha; a barraca
se apaga, outra se ilumina.*

Terceiro feirante

Vendemos soldados! Vendemos exércitos!
As guerras de hoje são feitas a máquina
E há muitos soldados desocupados;
Vendemos exércitos! Vendemos soldados!
São corajosos, são fortes e inteligentes;
Com eles podereis vencer muitas guerras,
Promover levantes e insurreições!
Vendemos exércitos a preços médio e barato.

Aparece um homem com uma pastinha de cabelo na testa e um bigode a Hitler; entra e ergue a mão, saudando

O homem

Compro os exércitos! Quantos possui?
Preciso de muito soldado... de muito soldado...
Voltarei a invadir a Polônia... A França... A Rússia...
Quero vingar-me. Desta vez vencerei!

Terceiro feirante

Todos os exércitos? Deveis ser um grande general.
Como vos chamais?

O homem *(se empertigando)*

Sou Adolfo! Adolfo Hitler, o Führer!

Terceiro feirante

Ah!

Neste momento entra um enfermeiro e arrasta o “Adolfo Hitler”

Enfermeiro

É louco varrido, perigosíssimo!
Deu agora para essa mania.

Terceiro feirante *(voltando a apregoar)*

Vendemos soldados, vendemos batalhas
Aqui temos a batalha de Azincourt;
(faz um gesto com a mão)

Tem o nome de um castelo perto do qual se deu
Temos as batalhas de Marengo, Wagram, Austerlitz!
Belas batalhas vencidas em terras germânicas...

*Entra um homem fardado à maneira de Napoleão
Bonaparte, com um chapéu de dois bicos, a mão sobre o peito,
enfiada entre os botões da farda; entra calmo, meditativo,
devagar.*

O homem

Olá, amigo, estas batalhas me pertencem
Quem lh'as vendeu, por certo, roubou-mas.

(sonhando)

Lembro o esforço como consegui Marengo.

E Wagram? E Austerlitz? Belas batalhas!

(ao feirante, com violência)

Quero saber quem lhas vendeu.

(avança, e dá um murro na tábua da barraca)

Vamos, diga-me, quero saber a verdade,

Diga-me logo o nome desse ladrão.

Pois o senhor está defronte de Napoleão Bonaparte,

Imperador dos franceses!

*Entra um guarda do hospício, e, pé ante pé, dele se
aproxima, agarra-o e arrasta-o.*

Napoleão

Está me arrastando novamente para Santa Helena,

Mas posso ceder-lhe as batalhas, contanto

Que me arranje um novo grande exército.

Para uma nova campanha da Rússia.

(saem Napoleão e o enfermeiro)

Terceiro feirante

Só dá mesmo louco nesta feira?!

(pausa)

Senhores e senhoras ainda não vos mostrei

O que possuo de mais precioso;

Olhai, aqui tenho batalhas mais novas e mais bonitas:

A Batalha da França, vencida

Em três semanas. As batalhas

Da Polônia e da Grécia vencidas em alguns dias;

Comprai-as e guardai-as cuidadosamente,

Na vossa lembrança, na vossa sala de trabalho,

Como grandes quadros pintados

Pelo general Emanuel Von List.

Aparecem novamente, cada um por um lado, Hitler e Napoleão.

Napoleão

Agora não entendo mais nada... nem compreendo

Essas batalhas modernas, nem as acho bonitas.

Nelas atuam mais as máquinas do que os homens.

(pausa)

Batalhas são as de Alexandre, de Aníbal, de César,

As minhas batalhas: Marengo, Austerlitz...

Isto é que são batalhas!

Hitler Que idiota! Bem se vê que é um saudosista.

Um acadêmico. Um passadista.

Napoleão

Não seja besta, seu bobo,

Você não entende nada de guerra!
Com essas máquinas todo mundo ganha batalhas.

Hitler Besta é a mãe, seu cachorro nojento
Autor de batalhazinhas medíocres que nada valeram.

Napoleão

Cachorro é você... e saia já daqui
Senão dou-lhe uns murros nas ventas.

Hitler (*avançando para Napoleão*)

Vamos a isto, bandido!

Atracam-se os dois, mas aparecem os enfermeiros, que os separam.

Um dos enfermeiros

Ora! Deixem disso! Vocês são dois grandes generais,
Dos maiores que já teve a humanidade;
Cada um, em seu tempo, grandes e belas batalhas
Conquistaram.

Hitler e Napoleão sorriem, olham um para o outro e se abraçam; saem abraçados os dois loucos, atrás deles os dois enfermeiros; a barraca escurece; outra se ilumina.

Quarto feirante

Filosofias, religiões, macumbas,
Teorias científicas aqui se vendem
Aqui se vende tudo que é e não é,
Aqui se vendem galáxias mais distantes que a distância,

Aqui se vendem partículas, mais finas que o neutrino,
E de tão unidas que estão, podem ser
Vendidas separadas. Quando tudo é, nada é!
Para o que preciso seja é preciso o não seja
Aqui se vende o tudo nada;
A impostura e a sua modéstia, a honra e a sua infâmia
A pouca vergonha e o seu pudor
A verdade e o seu erro. A dor e o seu alívio
A matéria e o seu complemento
O limite inexistente do existente
O ser e o infinito atual do ser: o não ser.

Entram dois homens, param diante da barraca e conversam

Primeiro homem

Esta é a barraca da liquidação,
A barraca que vai fechar definitivamente;
Liquida o mundo todo; o tudo e o mais e o nada.

Segundo homem

Esta é a barraca das coisas conjuntas e desconjuntas,
Das coisas complexas e displexas,
Contínuas e descontínuas, simétricas e dissimétricas,
Vende e desvende.
O braço que se estende, se retrai, ao mesmo tempo,
A mão que entrega, retoma.

Primeiro homem

Enganou-se. Retoma, não, toma.
A entrega e a tomada são simultâneas.

Os dois juntos

Enfim, na realidade, vende ilusões desiludidas,
Isto é, ilusões que duram, cada vez mais, menos e menos...
Cada vez longo: breve e breve.
Tanto menos, tanto breve que, quando começa, termina.
Deixemo-la, pois, que ao mesmo tempo
É tudo e cada um; deixemo-la mas sem deixá-la.

*Os dois desaparecem, como se desencarnassem. A barraca
se apaga, outra se ilumina.*

Quinto feirante

Senhores! Senhoras! Esta barraca
Foi aqui construída para vender
Uma mercadoria bem específica.
– Deixemos para lá as vaidades
(faz um sinal)
E as ambições das sociedades humanas,
O destino das coisas e as vãs filosofias –
Aqui vendemos a água do açude
Que se construiu em Canudos, aqui junto em Canudos.
– Água que ficou mais salgada que a do mar;
Salgada pelo sangue dos que morreram na luta
Pela sua fome, e pela sua sede.
– Água que se juntou nestes vales
Devastados pela vergonha e a ignomínia;
Vales e colinas onde os produtos da terra têm fome,
E a própria água, de tão salgada, tem sede.
Entram dois homens

Primeiro homem

Se estás a vender esta água, amigo,
É que, de certo, há de servir para algum fim;
Poderás dizer-me qual é ele?

Quinto feirante

Pode servir para banhos, para abluções
Domésticas de efeito terapêutico,
Pode servir, quando em grande quantidade,
Para nela se fazerem pescarias,
Passeios sobre elas de barcos a vela;
Pode, sobretudo, servir para se fazer com ela
Um sal de propriedades especiais.

Segundo homem

Mas, será um sal de suor e de sangue,
Um sal de fome e de sede!
Um sal de miséria e de morte!

Quinto feirante

Pois então, é o sal,
O verdadeiro sal, o mais real,
O mais legítimo e natural de todos!

Os dois homens desinteressados se afastam, o pregoeiro continua.

Quinto feirante

Aqui vendemos a água do açude
Que se construiu em Canudos;
A água que cobre o corpo de Antônio Conselheiro.

Aqui vendemos a água de um mar
Que voltou e que um dia se abriu
Para deixar passar um povo perseguido.
Um mar com os seus naufrágios,
Os seus tesouros perdidos, suas procelas, suas batalhas;
Aqui vendemos a água do mar.

(pausa)

Vendemos a saudade, o mistério,
A infinita tristeza do mar.
A barraca se apaga, de repente, e termina.

FIM